



VITÓRIA: CIDADE E PRESÉPIO;
OS VAZIOS VISÍVEIS DA CAPITAL
CAPIXABA.

MONTEIRO, PETER RIBON. SÃO PAULO:
ANNABLUME FAPESP; VITÓRIA: FACITEC, 2008, 218 p.

ISBN: 978-85 - 7419-781-4

Eneida Maria Souza Mendonça

VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO: UMA SÍNTESE DA PAISAGEM BRASILEIRA

Ao fazer aflorar referências naturais e culturais da capital capixaba, Peter Ribon Monteiro, em seu *Vitória: Cidade e presépio*, busca identificar a cidade de Vitória e, com isso, também, simbolizar o estado do Espírito Santo. O incômodo “ofuscamento” de Vitória no contexto nacional motivou o autor a um largo e profundo mergulho envolvendo a história, a geografia física, bem como o poder simbólico dos elementos de destaque da arquitetura e da natureza do lugar. A prioridade conferida ao espaço visual para a compreensão das mensagens simbólicas do ambiente, caracterizadas por objetos naturais e construídos, associada à valorização do percurso urbano como suporte à percepção, traz à tona não só determinada imagem urbana – a de Vitória –, mas também o lançamento e a experimentação de uma metodologia no âmbito da percepção ambiental. A originalidade do entrecruzamento de percursos, evocando passagens pelo ar, terra e mar, salienta potenciais e demonstra a identificação, revelada, inicialmente, pela geografia, que aponta em Vitória, o Espírito Santo como uma síntese da paisagem brasileira.

Nessa síntese, considerando os elementos mais comumente relacionados à natureza, no lugar da expressividade exacerbada de objetos naturais específicos, cabe a presença conjunta de montanhas, e um litoral composto tanto de extensas praias como também de maciços e recortes em enseadas, lembrando seu entorno regional e brasileiro. É nesse contexto geofísico inicial que o estado e sua capital assumem um caráter de síntese e de transição entre as paisagens nacionais. Em seu livro, Monteiro manifesta, então, essa síntese, entrelaçando, no âmbito da paisagem natural e edificada, as escalas espaciais e fazendo revelar-se, de forma técnica, mas sem dúvida, também emocional, a identificação de um lugar, a qual neste último contexto, o da emoção, é caro a ele.

Cidade-presépio, codinome atribuído à Vitória no início do século 20, é captado pelo autor como o mote para destacar a cidade dentre outras e, com isso, torná-la identificável, ao ressaltar sua qualidade *sui generis*, no dizer do próprio Monteiro. O aconchego conferido ao pequeno núcleo urbano entre as montanhas de um Maciço Central e as águas de uma baía, que se apresentava ali como um braço de mar em canal, transmitiam, ao mesmo tempo, a modéstia da manjedoura, mas também a majestade sacralizada e implícita ao presépio natalino. Entrecruzando, então, o construído e o que ainda se apresentava como o natural, é tecida uma abordagem tão ampla quanto o panorama geofísico inicialmente apresentado, a qual situou no Brasil, entre montanhas e praias, o lugar do Espírito Santo e de sua capital. Nessa nova tecedura, a história evolutiva de ocupação urbana, bem como a sistemática classificatória enquadrando, no tempo, sua arquitetura mais relevante, foram os decisivos suportes. A inserção dessa arquitetura em um contexto construído mais amplo e sempre relacionado a uma natureza dinâmica, que se altera, mas também mantém, ainda, suas referências principais, foi utilizada pelo autor de modo a demonstrar a gradativa construção de uma Vitória-Cidade-Presépio, sua conformação e o debate quanto às possibilidades acerca de sua permanência em tempos atuais e futuros.

Nesse contexto, Monteiro oferece elementos que permitem acompanhar a visão dos que remetem à cidade-presépio uma contextualização passada no tempo e hoje inexistente. Por outro lado, constrói argumentos os quais proporcionam também vislumbrar uma cidade-presépio renovada, ampliada e metropolitana, porém, sempre delimitada e, dessa vez, inserida no contexto geomorfológico que abraça o aglomerado urbano da região de Vitória, já extravasado sobre os municípios próximos e não mais o pequeno núcleo urbano, atualmente correspondente ao centro da cidade. O direcionamento da abordagem para esse último viés transparece nas falas intermediárias e, sobretudo, nas conclusivas do autor. Mesmo chamada de pós-cidade-presépio, e ressaltada a desconexão urbana caracterizada tanto por um desequilíbrio funcional – referindo-se à relação entre elementos construídos e naturais – quanto estético –, referindo-se aos elementos construídos em si e entre si –, o autor trilha sua conclusão para a permanência do conceito cidade-presépio. Neste, deixa implícito um valor que reconhece como inerente à Vitória, seja antes ou depois do período caracteristicamente relacionado àquela denominação.

É desse modo que Monteiro reafirma e questiona o que denomina de modéstia da região tratada nesse livro, diante de uma inserção comparativa em cenário regional e nacional mais abrangente. O que o autor chama, nesse contexto, de “falta de grandiosidade” do estado e conseqüentemente de sua capital, intrigou-o, assim como intriga aquele que lê e analisa a articulação paisagística construída em seu livro. Sendo ampla e diversa, essa articulação permite visualizar o singular caráter do lugar, do mesmo modo que sua magnitude, considerando-se seu atributo de síntese do contexto nacional. Por outro lado, possivelmente por ser recente, essa mesma articulação desperta a necessidade de abordagens complementares, como as de âmbito político-administrativo-econômico, para alargar o entendimento tanto das singularidades

quanto das semelhanças dos contextos local e regional diante do nacional e internacional, nos quais se encontram inseridos.

Por fim, por ter tratado da própria configuração urbana que se alterou velozmente, em todo o mundo, durante o século 20, e aspectos ainda em transição em nossas cidades, complexos, portanto, quanto a classificações analíticas, Moteiro permite emergir de seus escritos, percepções variadas, convergentes ou antagônicas, mesmo igualmente pertinentes, como as de caráter preservacionista, salientadas por Minami e renovador, assinaladas por Frizzera, ao prefaciarem o livro.

Eneida Maria Souza Mendonça

Arquiteta pela FAU-UFRJ, mestre e doutora pela FAUUSP, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – NAU da UFES e professora dos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU, e em Geografia – PPGG, ambos da UFES.

Rua Coronel Etienne Dessaune, 244. Jucutuquara

29042-765 – Vitória, ES

eneidamendonca@gmail.com